Memórias de um Eterno Combatente:
Entre a Memória, a Cena e a Resistência

Montagem Teatral: Memórias de um Eterno Combatente

Solo Teatral de Yasmin Ramos

Karine Jansen[1]

Há existências que ultrapassam o tempo e insistem em permanecer vivas na memória de uma cidade. Levi Hall de Moura é uma delas. Dramaturgo, advogado, juiz e comunista, sua trajetória atravessa a história política e cultural de Belém, revelando as tensões de uma época em que pensar, criar e resistir eram também formas de enfrentamento.

O espetáculo **Memórias de um Eterno Combatente** constrói uma instigante conversa entre a história de Belém e a história do teatro paraense. Mais do que apresentar a biografia de um homem, a encenação procura revelar as ideias, os conflitos e as convicções que constituíram sua existência.

Uma das qualidades da montagem está justamente na recusa da representação realista. Não se trata de reproduzir acontecimentos históricos como ilustrações de uma vida. A cena escolhe o caminho da metáfora, da composição simbólica e da potência expressiva dos elementos teatrais.

Objetos cênicos, iluminação e sonoplastia participam ativamente da dramaturgia, construindo imagens fortes que deslocam a narrativa biográfica para uma dimensão poética e política. A materialidade da cena transforma-se em linguagem, permitindo que a história seja evocada, e não simplesmente reconstituída.

Nesse sentido, a encenação aproxima-se de uma perspectiva contemporânea do teatro biográfico, na qual a memória não é entendida como reprodução fiel do passado, mas como uma construção realizada no presente. Como nos ajuda a pensar Patrice Pavis, a encenação produz sentidos por meio da articulação de seus diferentes sistemas de signos.

O corpo de Levi Hall de Moura, minuciosamente construído por Yasmin Ramos, merece especial atenção. A atriz, também pesquisadora da obra do dramaturgo, revela um trabalho em que investigação histórica e criação artística se encontram. Seu corpo não se

[1] Diretora de Teatro;

limita a representar uma personalidade: torna-se território de memória, lugar onde uma existência é novamente interrogada e compartilhada com o público.

A militância comunista de Levi ocupa um lugar central na montagem. A experiência política do personagem permite revisitar o período da ditadura militar brasileira, marcado pela repressão, pela censura e pela perseguição às ideias divergentes. Entretanto, o espetáculo não se restringe à denúncia de um período histórico. Ele provoca uma questão que permanece atual: qual é o lugar do artista e do intelectual diante das violências de seu tempo?

Há também uma dimensão particularmente importante nessa montagem: a cidade de Belém deixa de ser apenas o cenário da biografia para tornar-se parte constitutiva da dramaturgia. Suas disputas políticas, sua vida cultural e suas contradições atravessam a trajetória de Levi. A história de um homem revela fragmentos da história coletiva de uma cidade.

Penso aqui nas reflexões de Diana Taylor sobre arquivo e repertório. Se os documentos preservam registros da história, o teatro devolve a essa memória uma dimensão corporal, sensível e compartilhada. O passado deixa de permanecer apenas nas páginas e passa a acontecer diante de nossos olhos.

Talvez seja essa uma das maiores forças de **Memórias de um Eterno Combatente**: compreender que fazer teatro sobre uma personalidade histórica não significa apenas homenageá-la, mas recolocar suas ideias em circulação, submetê-las ao olhar crítico do presente e reconhecer sua participação na construção de nossa identidade cultural.

Saí do espetáculo com uma vontade muito concreta: ler a dramaturgia de Levi Hall de Moura, conhecer mais profundamente suas ideias e compreender sua contribuição para o teatro paraense.

E isso não é pouco.

Quando uma encenação desperta o desejo de pesquisar, de ler e de conhecer a história que nos constitui, ela ultrapassa os limites da representação e transforma-se em um gesto de produção de conhecimento.

Memórias de um Eterno Combatente nos lembra que a memória também é um campo de disputa política. E que o teatro, ao convocar os mortos para conversar com os vivos, pode impedir que determinadas histórias sejam condenadas ao esquecimento.

Em Belém, onde tantas trajetórias artísticas ainda precisam ser pesquisadas, publicadas e reconhecidas, montar Levi Hall de Moura é também afirmar a urgência de preservar a memória do nosso teatro.

Porque há artistas que permanecem vivos não apenas pelo que fizeram, mas pelas perguntas que continuam nos fazendo.

E Levi parece ainda ter muito a nos dizer.

Novembro de 2026